



Imanaque da Natureza



AGENDA

Mês	Data	Evento	Detalhes
Setembro	23		Equinócio do Outono: 09h20.
	28		Lua Cheia. Marés vivas.
	28		Eclipse total da Lua (03h47).
Outubro	1		Nascimento: 07h27. Ocaso: 19h16.
	1		Dia Nacional da Água.
	4		Quarto Minguante. Marés mortas.
	4		Dia Mundial dos Animais.
	13		Lua Nova. Marés vivas.
Novembro	20		Quarto Crescente. Marés mortas.
	25		À 1h00, atrasar os relógios 60 mn.
	27		Lua Cheia. Marés vivas.
	1		Nascimento: 06h55. Ocaso: 17h35.
	3		Quarto Minguante. Marés mortas.
	11		Lua Nova. Marés vivas.
Dezembro	16		Dia Nacional do Mar.
	18		Chuva de meteoros (Leónidas).
	19		Quarto Crescente. Marés mortas.
	23		Dia da Floresta Autóctone.
	25		Lua Cheia. Marés vivas.
Dezembro	1		Nascimento: 07h26. Ocaso: 17h15.
	3		Quarto Minguante. Marés mortas.
	11		Lua Nova. Marés vivas.
	11		Dia Internacional das Montanhas.
	14		Chuva de meteoros
Dezembro	18		Quarto Crescente. Marés mortas.
	22		Solstício do Inverno: 04h48.

RATINHO IBÉRICO SAI DA TOCA

Com a chegada das primeiras chuvadas e a maior disponibilidade de vegetação fresca, os ratos-de-Cabrera (*Microtus cabreræ*) retomam a actividade, interrompida pela secura e calor do Verão que passaram na sua toca, escondida debaixo de um silvado ou na margem de um pequeno riacho. Agora trata-se de encher a barriga com gramineas, junças e outras ervas, repondo as energias para o próximo período reprodutor. Macho e fêmea permanecem juntos mesmo após o nascimento das crias, ao contrário de outros roedores em que a poligamia é regra habitual. A gravidez dura apenas 23 ou 24 dias, as mães dando à luz entre 3 a 7 ratinhos, sem pêlo e com pouco mais de 3 gramas de peso. Duas semanas após o nascimento já exploram os arredores do ninho, começando a alimentar-se de ervas tenras e a procurar o seu próprio território. Este roedor é um endemismo ibérico, com estatuto nacional de espécie "vulnerável" e internacional de "quase ameaçada", ocorrendo no Algarve apenas em Monchique e Costa Vicentina.



ORQUÍDEA SERÓDIA

Fins do Inverno ou inícios da Primavera é o tempo das orquídeas. Mas há excepções. Uma delas é a trança-de-dama-outonal (*Spiranthes spiralis*) que floresce no Barrocal a partir de Setembro. Típica de pastagens, urzais e bermas de caminho, possui vários tubérculos subterrâneos alongados, a partir dos quais surge uma roseta basal de folhas elípticas, ao lado da qual cresce agora uma haste com um palmo ou mais de altura, onde se dispõem em espiral umas duas ou três dezenas de flores brancas, tubulares e nectaríferas, com um ligeiro aroma a baunilha. Os tubérculos foram tradicionalmente utilizados como afrodisíaco mas não convém manter a tradição pois é uma planta que tem vindo a tornar-se escassa, pelo menos no Algarve.



GUARDA-SOL SABOROSO

Guarda-sol ou guarda-chuva de duendes, pau de tambor das filarmónicas silvestres, sobre isso pouco se sabe, mas o certo é que os fradelhos ou pucarinhas (*Macrolepiota procera*) surgem logo após as primeiras grandes chuvadas outonais em clareiras e encostas ensolaradas da Serra Algarvia. É um dos maiores cogumelos do nosso cardápio micológico, com um chapéu escamoso, primeiro ovóide depois aplanado, que com frequência ultrapassa os 25 cm de diâmetro, e um pé bolboso e oco, com faixas escuras ziguezagueantes, que pode chegar aos 40 cm de altura. Um característico anel duplo situado no cimo do pé, rapidamente se torna móvel, escorregando por ele abaixo. Os chapéus devem ser colhidos bem frescos e podem ser conservados secos durante algum tempo. Constituem uma bela refeição, pois a sua carne é branca e tenra, com agradável sabor a nozes, podendo ser preparados simplesmente na chapa com um fio de azeite ou fritos em polme de farinha e ovos.



TUBARÃO FOCINHO DE CÃO

A pata-roxa (*Scyliorhinus canicula*) é um dos tubarões mais comuns na nossa costa, nunca chegando a ultrapassar um metro de comprimento e ocorrendo sobretudo em profundidades entre os 50 e os 150 metros. Apresenta uma dieta muito variada, que inclui peixes, crustáceos, moluscos e outros invertebrados, os quais caça apenas de noite, passando o dia a repousar sobre o fundo. A partir de Novembro, a fêmea inicia o período de desova, que pode prolongar-se durante largos meses, e durante o qual expulsa várias dezenas de ovos. Estes são depositados sobre macroalgas e outros substratos onde se possam fixar, através dos prolongamentos em forma de gavinha das cápsulas acastanhadas e endurecidas por queratina onde cada um deles se encontra encerrado. A incubação dos ovos dura em média, 8 a 9 meses e, uma vez vazias, as cápsulas são frequentemente arrojadas nas praias, misturadas com algas e outros detritos marinhos.



PAI SACRIFICADO E EXTREMOSO

Ao contrário da maioria dos outros Anfíbios da nossa fauna, o sapo-parteiro-ibérico (*Alytes cisternasii*) reproduz-se em terra, dependendo da água apenas para o desenvolvimento da sua prole. Durante a época seca é difícil observar este sapo, a não ser que se descubra um dos esconderijos que escava na terra solta, debaixo das pedras e da vegetação ou mesmo nos muros e valados dos campos, onde passa o Verão completamente adormecido. Com as primeiras chuvas do Outono, um novo ciclo, porém, começa. Em noites pouco chuvosas e frias, mas muito húmidas, é possível encontrar muitos sapinhos vagueando pelo seu território em busca de insectos e respectivas larvas, aranhas ou lesmas, os seus alimentos preferidos. Os machos em breve começam a cantar, um simples assobio curto e triste, repetido vezes sem conta noite após noite. Até que uma fêmea aparece, disposta a acasalar-se. Uma vez colocado em boa posição sobre a companheira, o macho massaja suavemente o seu abdómen. Cerca de meia hora depois, a fêmea expulsa rapidamente várias dezenas de ovos pegajosos com 3-4 mm de diâmetro. O macho fecunda-os de imediato e, através de movimentos concertados das patas posteriores coloca-os sobre a parte inferior das suas costas. Durante cerca de 3-4 semanas, o macho refugia-se num abrigo nem muito seco nem muito húmido, de forma a promover o desenvolvimento adequado dos filhos (ainda na fase de embrião ou larva) que mantém agarrados ao dorso e coxas das patas posteriores, encerrados dentro dos ovos. Frequentemente, pode tornar a acasalar-se, aumentando o seu carregamento de ovos até ultrapassar a centena. Para o final do período de incubação, o macho acer-



ca-se do charco, pego ou açude da ribeira onde ele próprio nasceu, por vezes percorrendo distâncias consideráveis para um animal tão pequeno. Aí chegando, mergulha o corpo na água, aguardando que a casca dos ovos se desfaça parcialmente. É esse o único momento da sua vida de adulto, em que o macho de sapo-parteiro-ibérico contacta com a água, excepto um caso ou outro em que para humedecer os ovos os mergulha esporadicamente nalguma poça de água da chuva. Com as fêmeas, como é evidente, nem isso acontece. Uma vez o "parto" consumado, o macho regressa ao seu esconderijo predilecto, procurando até Abril ou Maio acasalar mais algumas vezes. Se o seu carregamento de ovos for proveniente de várias posturas, umas mais atrasadas do que outras, permanece junto da água até que o seu papel de parteiro se conclua.

MACHO PARASITA FÊMEA

Uma longa fita verde com mais de um metro e extremidade bifida jaz na areia entre as rochas litorais a alguns metros de profundidade. Serpente com duas cabeças ou língua de algum animal fabuloso? Apenas a tromba ou probóscis esticada da fêmea de uma bonélia (*Bonellia viridis*), cujo corpo globoso nunca ultrapassa 8 cm de comprimento e se encontra provavelmente escondido nalguma cavidade próxima. A tromba, que é retráctil, possui uma goteira coberta de cílios e muco através da qual o animal canaliza detritos orgânicos até à boca, situada na base. Este verme não segmentado é sobretudo célebre pelo curioso modo de reprodução. O macho não passa de um minúsculo ser achatado, com uns 3 mm de comprimento, que vive no interior do sistema reprodutor da fêmea, vivendo à custa das suas secreções, até conseguir fecundá-la, geralmente no Verão ou Outono. O milhar de ovos daí resultante é mantido alguns dias na toca da mãe até se transformarem em larvas planctónicas pouco activas. Uma semana depois, as larvas começam a assentar no fundo. Em geral, se aterrarem na areia, darão origem a uma nova fêmea adulta um par de anos depois. Mas algumas delas são quimicamente atraídas pela substância verde que dá cor ao corpo da fêmea (bonelina), fixando-se na tromba e acabando por penetrar no seu corpo, aí se transformando em machos parasitas. A bonelina é, no entanto, um poderoso biocida, actualmente em estudo como base para novos antibióticos.



PRIMOS DESENCONTRADOS

Uma bela ave de rapina sobrevoa em silêncio as pastagens e campinas húmidas de Outono, planando lentamente um ou dois metros acima do solo, pontas das asas escuras e reviradas para cima, em busca de um roedor mais distraído. Cores dominantes branco e cinzento ou castanho permitem identificar, respectivamente, os machos e as fêmeas do tartaranhão-azulado (*Circus cyaneus*), um refugiado climático que, todos os Outonos, nos vem visitar, fugindo das frias regiões nortenhas onde nasceu. Poucas probabilidades pois de se encontrar com o seu mais próximo parente, o tartaranhão-caçador (*Circus pygargus*), bem mais friorento, que, por estas alturas, já viajou em direcção à África de onde só regressará no início da Primavera, época em que o tartaranhão-azulado ruma para norte.



CINTAS DE NEPTUNO

O sargaço-coriola (*Saccorhiza polyschides*) foi durante muito tempo uma das algas castanhas mais utilizadas como adubo natural em vários pontos da costa oeste, sendo rica em potássio, sódio, cálcio e algina-tos, estes últimos usados em culinária e na indústria farmacêutica. A enorme fronde pode atingir quase 4 metros de comprimento e é constituída por uma lâmina dividida em longas cintas, um pé achatado, revirado na base e com expansões laterais onduladas, estando habitualmente fixada entre as rochas da zona infralitoral através de um bolbo papiloso e oco, em forma de colar. A partir do fim do Verão começa a época de produção de esporos, após a qual a fronde se destaca facilmente durante períodos de mar mais agitado, vindo dar à costa.



PEIXINHO DE PRATA CASEIRO

Uma visita à cozinha em noite de insónias lança o pânico sobre um ou outro peixe-de-prata (*Lepisma saccharina*), curioso insecto primitivo de longas antenas e caudas trífidas. As escamas prateadas que cobrem o seu corpo e os rápidos movimentos ondulantes e fluidos, mereceram-lhe o nome comum, enquanto o nome científico tem a ver com a predilecção que demonstra por alimentos compostos de celulose, amido e outros açúcares como a sacarose. No sossego da noite pode também consumir restos de comida que escaparam à acção da vassoura, bem como tecidos, papel e cola de livros velhos. Por esta última razão, pode causar alguns estragos em bibliotecas mas, de resto, é um insecto absolutamente inofensivo cuja população o gato da casa se encarrega alegremente de manter sob controlo.



Bibliografia: ✓Pita, R. et al. (2014), "*Microtus cabreræ* (Rodentia: Cricetidae)", Mammalian Species, 46(912): 48-70. ✓www.flora-on.pt. ✓Moreno, G. et al. (1986), "La Guía de Incafo de los Hongos de la Península Ibérica", Incafo. ✓Sarasa, M.C. (2001), "Especies de Interés Pesquero en el Litoral de Andalucía", CAP-JA. ✓Berec, L. et al. (2005), "Sex determination in *Bonellia viridis*: population dynamics and evolution", Oikos, 108: 473-484. ✓Norton, T.A. (1970), "Synopsis of biological data on *Saccorhiza polyschides*", FAO Fisheries Synopsis nº 83. **Ilustrações:** Rato-de-Cabrera - www.vocesdepradillo.org. Spiranthés / Pata-roxa - Hans Hillewaert (Creative Commons). Sapo-parteiro - Benny Trapp (Creative Commons). Bonélia - Cuvier, G. (1837), "The Animal Kingdom, Vol. IV", G. Henderson. Tartaranhão - https://lailera.wordpress.com/fauna. Sargaço - Claire Hewitt, in Fuller, I. (1999) "Kelp Forests", SNH. Lepisma - Yojosemere (Creative Commons). **Textos e ilustrações restantes:** Almgem.